

diante. Os ilustradores eram o que o país conhecia de melhor: Raul, Calixto e J. Carlos, na primeira fase; Correia Dias, na segunda. *Fon-Fon* espreitava o esnobismo carioca, fazia crítica, apresentava flagrantes e tipos do *set* da cidade, com muita fotografia e muita ilustração, e muita literatura na primeira fase. Nela apareceram Nair de Tefé (*Rian*), em 1910, e Emílio Cardoso Aires. Seu número inaugural era aberto com um soneto de Emílio de Menezes. No mesmo ano, fundado por Luís Bartolomeu e Renato de Castro, apareceu a revista infantil *O Tico-Tico*, que viveu mais de meio século, para desaparecer na fase em que, como a *Revista da Semana*, o *Fon-Fon*, *O Malho*, já não vigoravam as mesmas condições para a imprensa, abrindo-se nova fase⁽²¹⁹⁾.

A revista mais característica daquela fase, entretanto, seria a *Careta*, que começou a circular em 1908, fundada por Jorge Schmidt, que realizara, com a *Kosmos*, algo de inovador, e que, agora, iria realmente realizar o que deixou de mais expressivo. Contando, desde o início, com a colaboração inconfundível de J. Carlos, cujo longo e brilhantíssimo labor artístico praticamente se confunde com a vida dessa revista, tornou-se popular como nenhuma outra, encontrada nos engraxates, barbeiros, consultórios, etc. Nela, na fase em que literatura e imprensa conviviam, Olavo Bilac publicou os melhores sonetos de *A Tarde*; contando ainda com a colaboração de Martins Fontes, Olegário Mariano, Aníbal Teófilo, Alberto de Oliveira, Goulart de Andrade, Emílio de Menezes, Bastos Tigre, Luís Edmundo, e sendo, assim, quase como que o órgão dos parnasianos, enquanto o *Fon-Fon* o era dos simbolistas. Embora afastado da *Careta*, de 1922 a 1935, dedicando-se à direção artística das revistas da empresa *O Malho* (esta, a *Ilustração Brasileira* e *Para Todos*), J. Carlos, que nela trabalhou de 1908 a 1922 e de 1935 até sua morte em 1950, realizou verdadeira análise e tipificação da sociedade carioca, além da crítica política e de costumes, apresentando-se como o verdadeiro sucessor de Ângelo Agostini, evidentemente sob outras condições e com características diferentes.

As revistas ilustradas, aparecendo na fase em que imprensa e literatura se confundiam e como que separando, ou esboçando a separação entre as duas atividades, submeteram-se, inicialmente, ao domínio da alienação cultural então vigente, buscando emancipar-se depois, ao se tornarem principalmente mundanas, e até femininas umas, e principalmente

(219) *O Tico-Tico* e seu *Almanaque* surgiram da intuição de Manuel Bonfim e Renato de Castro, com a colaboração dos melhores artistas da época: J. Carlos criou *Juquinha*, *Lamparina*, *Jujuba* e *Carrapicho*; A. Agostini fez o cabeçalho e histórias em quadrinhos; Calixto, Gil, Loureiro (responsável pelas histórias de *Chiquinho*), Storni (criador de *Zé Macaco* e *Faustina*), Yantok (criador de *Kachimbow* e *Pipoca*), Luís Sá, Vasco Lima, etc.